

JORGE SILVA MELO

O Fim
ou *tende misericórdia de nós*

TEATRO



O texto foi escrito em colaboração com os actores Joana Bárcia, Manuel Wiborg, Paulo Claro, António Simão, Jorge Andrade, João Meireles, Daniel Martinho, Miguel Mendes e com João Pedro Rodrigues. As sessões do seminário de escrita — que decorreram entre 7 de Fevereiro e 12 de Maio de 1996 — tiveram o apoio da Comuna Teatro de Pesquisa e da Fundação Calouste Gulbenkian.

Para a elaboração do texto foram consultadas as seguintes obras: Georg Büchner, Woyzeck; Jacob Lenz, Os Soldados; Jules Michelet, Os Pássaros; Ivan Tourgueniev, Memórias de Um Caçador; Truman Capote, A Sangue Frio; Carson McCullers, Reflexos nuns olhos de ouro; José Cardoso Pires, O Delfim; William Faulkner, Soldier's Pay e O urso; Thomas Pynchon, Little Rain; Herman Ungar, Meninos e Assassinos; Knut Hamsun, Pan; Hugo Claus, A Caça aos Patos; Ernest Hemingway, As Neves do Kilimanjaro e Do Outro Lado, Entre As Árvores; Romain Gary, As Raízes do Céu; Miguel Delibes, Os Santos Inocentes e Diário de Um Couto de Caça; Gastão Cruz, As Aves; Luís de Camões, Lírica; Giuseppe Morandi, Vent'unesima estate; Rosa Luxemburgo, Cartas da Prisão; Carlos Eurico da Costa (ed.), A Caça em Portugal; António Pena, Anatídeos de Portugal; Scornaux e Piens, À descoberta dos Ovnis; História Ilustrada da Segunda Guerra Mundial (Editorial Rennes); Guia das Armas de Guerra (Editora Nova Cultural); a revista Diana e a colecção Mundo de Aventuras. E os filmes Correntes de Robert Altman, Taps de Harold Becker, A Sangue Frio de Richard Brooks e Basic Training de Robert Wiseman.

Jorge Silva Melo agradece as informações que lhe foram dadas por Gil de Carvalho, João Pedro Rodrigues e Olímpio Ferreira.

Título: O Fim ou Tende Misericórdia de Nós

© Jorge Silva Melo e Edições Cotovia, Lda., Lisboa, 1997

Concepção gráfica de João Botelho

ISBN 972-8423-02-0

Jorge Silva Melo

ULFL 0M 00234



O Fim
ou
Tende Misericórdia de Nós

com uma poesia
de
Fernando Assis Pacheco

Cotovia

E SE TAMBÉM AS PALAVRAS FOSSEM,
SE TUDO FOSSE (E NÃO SÓ O RESTO),
SE TUDO FOSSE SILÊNCIO?

A história de *O Fim ou Tende Misericórdia de Nós* é baseada num facto real ocorrido na Sicília e relatado pela jornalista Michella Giuffrida na edição de 28 de Julho de 1993 do jornal *La Repubblica*. (Primeiro pensei em fazer um filme...)

1

Sempre me prendi aos *casos do dia*. Neles deparamos com a opacidade do real, a sua falta de sentido, o terrível silêncio dos homens e de Deus. O *caso do dia* não tem justificação, perante ele é sempre a mesma exclamação a que se ergue: *coisa horrível!* Já fiz o *Woyzeck* de Georg Büchner nos longínquos anos 70, e nessa altura li o que Ingmar Bergman dizia: nunca se faz essa peça inacabada uma só vez. Hoje, arranji esta uma maneira de voltar ao *Woyzeck*, texto que nasce da perplexidade de Büchner perante um crime autêntico e um inquietante e minucioso processo de tribunal.

À brutalidade dos factos, ao silêncio obstinado do assassino — porque cometeu ele o crime? porque o confessou, se nem sequer o cadáver foi descoberto? porque se suicidou ele na cadeia? — quero responder com uma escuta atenta. Escutar os inventados passos desta personagem silenciosa, certamente banal, escutar o vazio do seu pensamento — uma vida jovem enredada num mecanismo de destruição, a partir da boçalidade de um fim de semana entre amigos da terra, a violência a irromper, a morte a aproximar-se. Seguir, o mais de perto possível, um rapaz que se perde. (“Fiz a maior asneira

da minha vida”, terá exclamado há meses um jovem que matou o pai com tiros de caçadeira, algures na Outra Banda). Um rapaz perdido: apenas um rapaz arrastado pelos acontecimentos, a viver uma vida que não chega a viver. E lembrei-me de Truman Capote e do *A Sangue Frio*, e com ele decidimos limitar-nos a seguir os passos, seguramente anódinos, seguramente sinistros, deste Mateus, violador, criminoso e suicida que da sua vida apenas deixou o silêncio sobre os seus actos. Terríveis actos, terrível silêncio. Nesse sentido, também não queremos aqui transformar o miserável destino de Mateus num *espectáculo* — sim, partilhar (com compaixão ou é com voyeurismo?) o seu silêncio.

Transformámos, assim, o jovem criminoso siciliano da história original num rapaz português, muito jovem, rapaz que veio de uma aldeia onde há uma lagoa, camponês, caçador, solitário. E apanhamo-lo naquele momento de tribal iniciação que é o serviço militar obrigatório — afastado da sua terra, violentado na sua individualidade. E num ambiente onde a exacerbação da virilidade é lei. E o pavor, o tão masculino medo do sexo. (À sombra dos *Reflexos nuns Olhos de Oiro* de Carson McCullers e da *Little Rain* de Thomas Pynchon.)

E foi depois de termos acabado o texto que uma tarde de Junho peguei nas *Cartas da prisão* de Rosa Luxemburgo. E percebi porque é que me lembrei de pôr Mateus, na cela, a ouvir os pássaros. É ler a penúltima carta a Sonia Liebknicht datada de 12 de Maio de 1918. Não me lembrava; mas, no fundo, lembrava.

2

Escrevemos o texto a partir de uma sinopse mais ou menos cronológica. Durante nove sessões e em colaboração com os actores Joana Bárcia, Manuel Wiborg, Paulo Claro, António Simão, Jorge Andrade, João Meireles, Daniel Martinho, Miguel Mendes e o assistente João Pedro Rodrigues

fomos improvisando as conversas e as tipologias das muitas personagens, inventando destinos, piadas, conflitos e sonhos para estes rapazes e estas raparigas. O texto é nosso, em bruto. E durante os dois meses seguintes (de Março a Maio) montámos, cortámos, refizemos, reescrevemos, escrevemos. Até descobrirmos a poesia “Bichos, Céu e Morte” do livro *Variações em Sousa* de Fernando Assis Pacheco. Que, tocando temas e motivos que já suspeitáramos, veio conferir à personagem de Mateus aquilo a que, presumidote, eu chamaria a “espessura do seu silêncio”. Porque é o silêncio, a não-fala, o não dito, aquilo que não se pode pronunciar, é o indizível, aquilo mesmo que tentamos dizer. Ou não-dizer? A palavra no teatro pode ser “outra palavra”; a palavra no teatro pode ser (será?) um imenso silêncio mental. Assim, por exemplo, a confissão de Tomé, toda feita de uma única improvisação não montada do actor Paulo Claro. Por muito que o ouçamos falar — e a cena é longa —, aquilo que a ele nos pode prender é o seu silêncio. E é assim que o texto oscila entre uma linguagem que seria hiper-realista (com o seu carnaval de palavrões, frases inacabadas e erros de gramática) e uma vontade literária (a que nos conduziu, companheira, firme, a escrita de Assis Pacheco) que tenta devolver às personagens perdidas desta intriga horrível a sua irredutibilidade.

3

Foi a vontade de ficarmos juntos mais tempo, de podermos trabalhar noutros espectáculos, de podermos discutir também as nossas vidas artísticas que fez com que, a partir de *O Fim ou Tende misericórdia de nós*, quiséssemos formar uma sociedade de produção de espectáculos, os Artistas Unidos. Ainda estamos... unidos

Jorge Silva Melo
Agosto de 1997